



## Educação e sociedade: expectativas e reflexões

Wellson de Azevedo Araújo<sup>1</sup>  
Gilmar Bezerra de lima<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo buscou uma reflexão a partir da visão que alunos do 9º ano do Ensino Fundamental tem da educação que recebe e como se ver diante do mundo em que vivemos. Para isso realizamos uma pesquisa descritiva de caráter pesquisa de opinião, na qual realizamos uma entrevista com adolescentes e jovens de uma escola pública municipal do município de Picuí-PB. Com o objetivo de o que pensa adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental a respeito da educação, a fim de tentar enxergar qual visão de futuros estes alunos têm. Na qual concluímos que parte dos jovens entrevistados são conscientes das suas necessidades e que veem a conclusão dos estudos como sendo algo promissor para si próprio e um meio para contribuir com a vida financeira da família. Por outro lado nos foi revelado uma triste situação, que se trata da reprovação e evasão escolar como entraves a serem superados na educação de adolescentes e jovens, já que alguns não veem a continuidade dos estudos como uma oportunidade de crescimento.

**Palavras-chave:** Educação, Adolescentes, Jovens, Professor, Mudança.

### INTRODUÇÃO

Diante tantos desafios vivenciados pela a humanidade muitos veem na educação a capacidade de superação de cada um deles ou a força que necessitamos para impulsionar um novo modelo de sociedade. A cada segundo temos uma coisa nova, mas o que mudou completamente os hábitos e o modo da qual fazemos educação hoje, foi a chegada do vírus COVID-19, em que professores, alunos e famílias tivemos que ir nos adaptando a nova realidade ora apresentada.

Com a chegada do vírus, nós professores fomos obrigados a fazer uso de tecnologias que jamais tínhamos usados, a estudarmos mais e até sermos mais colaborativos com os demais colegas no intuito de que todos pudessem se ajudar e dessa maneira o ensino acontecesse. Alunos e familiares também tiveram que se adaptar ao novo, estudar remotamente muitas vezes através de um celular, aplicativos, mas, também, fazendo uso de lápis e cadernos.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – PB, [wellsonaraujo@gmail.com](mailto:wellsonaraujo@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – PB, [gilmar5a@yahoo.com.br](mailto:gilmar5a@yahoo.com.br)



Possivelmente o vírus provocou em todos da sociedade algo parecido com o que aconteceu no período da revolução industrial ocorrido na segunda metade do século XVIII em que o desenvolvimento tecnológico provocou grandes transformações na economia e no estilo de vida das pessoas. Mas, o que nos chama atenção é o fato de desde o século XVIII vir sendo aperfeiçoado o uso de novas tecnologias, nos parece que na educação não acontece dessa maneira, três séculos se passaram e agora no século XXI, vivenciamos um verdadeiro dilema, o surgimento de novas tecnologias, mas, ainda pouco exploradas pelas pessoas ou até poucos tem a oportunidade de usá-las, pois, as desigualdades sociais aumentaram significativamente.

A escola do século XXI continua na maioria dos casos do mesmo jeito que a escola séculos atrás, é como se não tivesse havido nenhuma inovação, já que futuros professores continuam sendo formados, capacitados da forma que teoria e prática não se encaixam pelo contrário se distanciam. Sendo que aqui nos veem em mente o que diz Paulo Freire (1987) a respeito da dissociação entre teoria e prática, pois quando não há separação possibilita aos sujeitos reflexão e ação. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 1987, p. 38).

Diante desses comentários é de nos questionarmos o que pensa alunos adolescentes e jovens a respeito da educação? Será que o modelo que lhes é apresentado os agrada? O que motiva-os a estudar? Com o intuito de buscarmos respostas a estes questionamentos realizamos uma pesquisa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do município de Picuí, com o objetivo de entender o que pensa adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental a respeito da educação, para isso, nos apropriamos da metodologia pesquisa descritiva, assumindo um caráter de pesquisa de opinião, na qual realizamos uma entrevista com 26 alunos.

Entender como pensam adolescentes a respeito da educação, talvez seja o início para termos uma educação transformadora, uma maior emancipação, um maior rompimento das fronteiras do conhecimento, uma maior aproximação do que se ensina na escola com o cotidiano dos alunos. Freire (1996) contribui dizendo:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos (FREIRE, 1996, p. 64).



Sendo assim, partimos do pressuposto de que só teremos cidadãos autônomos e conscientes, quando o ambiente escolar favorecer a troca de experiências entre seus pares, quando este ambiente for mais explorado e não limitado a ações apenas de professores. E como hoje vivemos em uma sociedade mais conectada, temos que aproveitarmos isso e tornar as tecnologias como uma nova metodologia de ensino em que se faz necessário a interação entre os educandos e os conteúdos, e o professor precisa enxergar isso como uma nova oportunidade de ensinar e aprender.



## METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi a pesquisa descritiva, que seguindo o que diz Cervo et al (2007, p. 61),

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas. (CERVO et al, 2007, p. 61)

Com caráter de pesquisa de opinião – Cervo et al (2007, p. 61) complementa dizendo “procura saber atitudes, pontos de vista e preferências das pessoas a respeito de algum assunto, com o objetivo de tomar decisões”. Nesse sentido, foi realizada uma entrevista através do Google Forms, com alunos 26 alunos de uma escola pública municipal do município de Picuí-PB, sendo que o link para responder a esta pesquisa chegaram até os alunos através do grupo de WhatSapp da escola.

Para fazer a análise dos dados seguimos o que diz Bardin (2011), em relação a análise do conteúdo,

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47).



## REFERENCIAL TEÓRICO

Não é de hoje que sofremos (professores e alunos) com um distanciamento entre o que se ensina na escola com o dia a dia das pessoas. Mas, o alunos sofre isso na educação básica e também na educação superior (especificamente falando de cursos de formação de professores). E assim, fazemos educação no século XXI, mas, por outro lado mesmo assim ainda continuamos despertando o interesse de alguns pela a escola, pois assim enxerga como uma oportunidade para mudar de vida ou pelo menos vivenciar novas experiências, seja no campo pessoal ou profissional. Paulo Freire contribui dizendo,

“Há limites para o ‘diálogo’. Porque numa sociedade de classes não há diálogo, há apenas um pseudodiálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e ardil astuto quando parte do opressor. Numa sociedade dividida em classes antagônicas não há condições para uma pedagogia dialogal. O diálogo pode estabelecer-se talvez no interior da escola, da sala de aula, em pequenos grupos, mas nunca na sociedade global. Dentro de uma visão macro-educacional, onde a ação pedagógica não se limita à escola, a organização da sociedade é também tarefa do educador. E, para isso, seu método, sua estratégia, é muito mais a desobediência, o conflito e a suspeita do que o diálogo”. (FREIRE, 1985, p. 12).

Nesse sentido quando enxergamos que a escola deve ser capaz de transcender os interesses da elite social, talvez essa inicie-se ao cumprimento da missão naquela sociedade. O papel exercido pelo professor é muito importante nesse cenário, já que acreditamos que o professor é um agente de mudanças, podendo ser um transformador do modelo de sociedade que lhes é apresentado, não tendo como fazer isso sem tocar em interesses que provocam muitas vezes as classes mais favorecidas (por não se dizer opressores), havendo uma complementação desse pensamento por Freire (1985), “quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais emergirá dela conscientemente carregado de compromisso com sua realidade da qual, [...], não deve ser simples espectador” (FREIRE, 1985, p. 61).

Ao aluno, o professor deve contribuir com o seu crescimento pessoal e profissional principalmente como um ser humano, crítico, participativo e um cidadão mais politizado, essa discussão deve permear nossas salas de aulas, devemos fugir do modelo em que o ensino se afasta da prática da qual vivemos, não conseguiremos mudar essa relação opressor x oprimido enquanto vemos avanços ascendente apenas de uma classe social, precisamos conforme cita



Freire (1985, p. 16), “a primeira condição para que um ser humano possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”.

Em algumas situações nós (a própria sociedade) corremos para ver que a escola em alguns casos ora se apresenta uma escola de fracassos e vivemos numa busca sem fim pelos culpados, e nessa corrida enquanto corremos nos esquecemos de fazermos nossa parte, de buscarmos novas formas de ensinar, de estudarmos os casos em que não há aprendizagem, e analisar o porque o nosso aluno continua errando aquela questão, enfim o “erro” não é bem avaliado e bem visto por nós professores (pelos menos uma parte desses profissionais não dá importância, não o analisa) e nessa linha de pensamento Carraher et al (2011) disserta,

O processo de explicação do fracasso escolar tem sido uma busca de culpados, o aluno, que não tem capacidade; o professor, que é mal preparado; as secretarias de educação, que não remuneraram seus professores; as universidades, que não formam bem o professor; o estudante universitário, que não aprendeu no secundário o que deveria ter aprendido e agora não consegue aprender o que seus professores universitários lhe ensinam. Mas a criança que aprende Matemática na rua, o cambista analfabeto que recolhe apostas, o mestre de obras treinado por seu pai, todos eles são exemplos vivos de que nossas análises estão incompletas, precisam ser desafiadas, precisam ser desmanchadas e refeitas, se quisermos criar a verdadeira escola aberta a todos, pública e gratuita, pela qual lutamos nas praças públicas. Os educadores, todos nós, precisamos não encontrar os culpados mas encontrar as formas eficientes de ensino e aprendizagem em nossa sociedade. (CARRAHER et al, 2011, p. 37).

Hoje ainda temos um modelo de escola que em alguns casos ainda acaba contribuindo com a formação de um cidadão dependente, quando apresenta em sua formação, modelos que se assemelham mais com uma catequização (cadeiras enfileiradas, o professor ao centro, por exemplo). Devemos superar esse cenário, e talvez a democratização do acesso as novas tecnologias favoreça essa mudança, o favorecimento de uma pedagogia libertadora e que contribuia para o desenvolvimento de um cidadão mais autônomo, daí termos um desenvolvimento mais justo e igualitário,

A Pedagogia da Autonomia é chamamento político, ético-crítico: é educação que deve se constituir como modo de vida, como práxis social, sintetizando a reflexão, a ação de decidir e a ação transformadora. Não pode ser deixado para depois, ou para determinados momentos formais; tem que se fazer experiência vital de todos os dias, em todas as horas (ALBUQUERQUE, 2001, p. 220-221).



O documento normativo para a educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, vemos que em sua filosofia reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BNCC, 2018, p. 8). De certo modo a BNCC (2018) busca fomentar entre os educadores de que o ensino deve favorecer no aluno,

“O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza“. (BNCC, *pág. 58*)

Para uma melhor sociedade de fato precisamos de uma melhor formação escolar, e nesse sentido, a educação certamente trará grandes contribuições e a figura do professor é muito importante, como este enxerga a educação, como este faz educação e como este ver o aluno que ensina, desse modo suas aulas serão o reflexo de sua visão.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de entender o que pensa adolescentes e jovens do 9º ano do Ensino Fundamental a respeito da educação, realizamos uma entrevista com 26 alunos de uma escola pública da rede municipal de ensino da cidade de Picuí-PB. Onde 53,8% foram do público feminino e 46,2% composto por alunos do público masculino, a maior parte dos alunos apresentaram idades entre 15 e 16 anos.

Foi perguntado aos alunos se eles consideravam que estudar era importante e obtivemos que 96,2% consideraram que sim e 3,8% alegaram que não. Para este questionamento esperavamos que 100% dos alunos dissessem sim, pois, acreditamos fortemente que não temos como mudar algumas ações em nosso país e no mundo sem passar pela a educação. E também ficamos refletindo o que faz um jovem hoje dizer que estudar não é importante? Será que a idade e os exemplos que se tem não são suficientes para essa tomada de decisão?

A respeito desse posicionamento dos alunos podemos dizer que o estudo na vida de uma pessoa é importante porque são fontes de conhecimentos, de aperfeiçoamento e da construção de personalidade é a garantia de que um ser pode ascender profissionalmente, principalmente nos dias atuais.

A fim de conhecermos como hoje (principalmente em tempos de pandemia, ensino remoto em que vivemos) como os alunos tem reservado seu tempo para estudar, questionamos os alunos a respeito de como isso acontece e eles foram enfáticos ao responderem: 65,4% alegaram que apresentam um rotina de estudos diário organizada; 26,9% acabaram dizendo que não tem dado conta de todo o material a ser estudado e isso tem acabado sufocando-os; E para 7,7% são totalmente desorganizados nos estudos.

Considerando o tempo reservado aos estudos, percebemos que adolescentes e jovens não tem uma dedicação total e como estes jovens falam dar a entender que apresentam bem vulneráveis ao mundo do trabalho, principalmente por causa das necessidades financeiras que ora se apresentam. Por outro lado, uma boa parcela de jovens apresentam rotina de estudo organizada e acreditamos que aqueles que a coloca em prática, acabará por apresentar um maior crescimento pessoal e profissional.

Quanto ao fato da conclusão do Ensino Fundamental, para 65,4% dos alunos entrevistados iriam continuar os seus estudos; 30,8% tentariam conciliar estudo e trabalho; E para 3,8% ficaram indecisos. Para este questionamento nos alertam para a grande evasão dos



alunos ao chegarem ao Ensino Médio, essa modalidade tem se apresentado como um desafio para a sociedade e o governo, pois, dois principais índices negativos tem assolado essa modalidade que são a taxa de abandono e a taxa de reprovação.

E por outro lado, também temos muitos jovens fora da escola, segundo dados do Instituto de Geografia e Estatística – IBGE, a média nacional é de que 7,6% dos jovens com idades entre 15 e 17 anos não frequentam a escola. O abandono escolar também tem se revelado um dos maiores problemas educacionais em nosso país, tendo relações diretamente com reprovação, frustrações do aluno ao chegar na escola, situação financeira da família, dentre outros fatores.

Relacionamos o período de estudos durante a pandemia (ensino remoto) e os alunos foram convidados a responderem ao seguinte questionamento: durante esse período (pandemia) em relação aos estudos, qual o sentimento que melhor te define? E para 34,6% dos alunos pesquisados alegam estarem sobrecarregados; alguns outros sentimentos (conforme tabela abaixo) foram validados pelos alunos e que nos faz um alerta sobre qual modelo de homem e sociedade poderemos ter no futuro.

**Tabela 1:** Ensino remoto – Sentimento dos alunos

<b>% dos alunos</b>	<b>Como os jovens se sentem?</b>
7,7%	Feliz
3,8%	Exausto
3,8%	Triste
3,8%	Solitário
11,5%	Impaciente
15,4%	Ansioso
7,7%	Estimulado
11,5%	Entendiado

**Fonte:** Autores (2020)

Estudar requer esforço e se tratando de estudar durante o período pandêmico na qual vivemos requer mais esforço ainda, dentre outros requisitos, como por exemplo, uma maior dedicação de todos os familiares. A partir dos dados coletados observamos que se para alguns alunos mesmo sem a pandemia já era um desafio estudar, com a pandemia essa crescente aumentou pois, temos muitos alunos e até professores sofrendo para dar conta de tantos materiais e também a questão emocional vem muito forte nessa hora e conta muito na hora de tomar alguma decisão.



Ao considerar o que vem pela frente, qual a opinião dos jovens, para 92,3% considera-se otimista; E para 7,3% muito pessimista. Perguntamos também, qual seria o maior sonho dos alunos e para 73,1% foram enfáticos ao dizer que seu maior é concluir os estudos, se formar, para poder arrumar um emprego e ajudar sua família.

O que nos chamou atenção nessa pesquisa com estes jovens foi o fato deles acreditarem que educação ainda é possível, ainda podemos ter esperança de dias melhores, mesmo diante de toda a diversidade que nos cerca. Como educadores que somos isso nos motiva a fazer mais e com grande diferencial conforme aborda Gadotti (2009),

Nossa missão é a defesa do direito à educação emancipadora, contra a mercantilização da vida. Não é o direito à educação neoliberal. Lutamos por uma educação que radicalize a democracia, que aprofunde a participação cidadã, que promova a igualdade, a equidade, a paz e a justiça social. A educação que defendemos não está separada de um projeto social, da ética e dos valores da diversidade e da pluralidade. O tom de todas as Cartas e Declarações finais dos encontros do FME é a questão da crescente mercantilização que se opõe radicalmente ao direito à educação. Há um consenso geral em relação a esse tema: a mercantilização da educação é o maior desafio da educação contemporânea (GADOTTI, 2009, p. 133).

Portanto, se faz necessário que professores e alunos possam juntos lutar por uma melhor educação, acreditamos que melhores tempos virão e com ela surgirão novas oportunidades, mas que também exigiram muito do ser humano, o que não podemos é continuarmos de braços cruzados sem fazer nada e que toda a mudança certamente passa pela a educação, pela a escola, só teremos uma sociedade mais justa se essa sociedade tiver a oportunidade de estudar, a garantia de direitos passa pelo direito, acesso e permanência na escola, temos que lutar muito por isso, se quisermos viver num mundo menos desigual e com mais oportunidades.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante todo este percurso, acreditamos que não tem como mudarmos uma sociedade se essa mudança não partir da educação na qual vivemos, se não partir de cada um dos cidadãos seu interesse deve ser o principal ingrediente para vivenciarmos uma educação transformadora, problematizadora.

O modelo de ensino que vivemos não agrada seja o ensino presencial ou ensino remoto, percebemos que temos que fazermos mais, ainda é pouco, para o modelo de sociedade que ora nos é apresentado. Vivemos um modelo educacional desconectado das novas tecnologias, em que em muitos casos temos a escola que até que a dispõe, mas, não tem o professor capacitado para fazer uso.

E com a chegada da pandemia, tivemos que superar muito disso, mesmo que as pressas e mesmo que isso provocasse sentimentos tão negativos como ansiedade, tristeza, exaustidão, sobrecarga de trabalho e isso nos serve de alerta para que se o homem é capaz de criar coisas que facilitam a vida de outras pessoas, temos sim que passar a estudar essas coisas. Não temos como formar outras pessoas para serem melhores se também não passarmos por essa formação.

Por lado, obtivemos com esse estudo que o que mais motiva um professor é a capacidade de ver a força de vontade dos alunos em vencer na vida, quando havíamos que o aluno deseja se formar, ter uma profissão, isso é muito gratificante, pois entendemos que a educação venceu e cumpriu com o seu papel. Que bom seria, termos sempre essa sensação, pois, com mais acesso, mais permanência na escola, não teríamos tantas desigualdades em nosso país.

Por fim e com o desejo de dias melhores acreditamos fortemente que as novas tecnologias, a lição que temos aprendido com tudo o que já vivenciamos com a pandemia, são meios poderosos que caso o homem queira virão a contribuir significativamente com a criação de uma cultura democrática, um ser humano mais humano e solidário. Mas, que continuaremos necessitando de mais investimentos, com vistas à uma melhor igualdade de oportunidades.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** In: SOUZA, Ana Inês (Org.). Paulo Freire: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 217-265.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base.** Brasília, MEC/2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

CARRAHER, T. N; CARRAHER, D; SCHLEIMANN, A. **Na vida dez, na escola zero.** 16<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CERVO, A. L. et al. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2007.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Traduzido por Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Fórum Mundial de Educação: pro-posições para um outro mundo possível.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. — (Cidadania Planetária; 1)